

Contribuição da Teologia para a história da educação e da ciência

The Contribution of Theology to the History of Education and of Science

Jeverson Nascimento
Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão acerca da contribuição da teologia para a História da Educação e Ciência. Constituem, nesse sentido, os objetivos específicos deste artigo: abordar a função social da teologia; enfatizar a contribuição da teologia para a História da Educação; e estabelecer relação entre a teologia e a ciência. O texto tem por finalidade propor uma análise reflexiva do tema utilizando a metodologia da análise bibliográfica. Isso servirá para a ampliação da compreensão da temática visto que ela suscita questionamentos de interesse acadêmico e social. Conclui-se que a teologia possui relação com a educação, porquanto possui uma concepção formada do ser humano, uma filosofia de vida, uma visão de mundo, e anseia pela transformação desse ser e, portanto, essa é relação proveitosa para a sociedade.

Abstract

The present article proposes a reflection on the contribution of theology to the History of Education and Science. In this sense, the specific objectives of this article are: to address the social function of theology; to emphasize the contribution of theology to the History of Education; to establish a relationship between theology and science. The purpose of the text is to propose a reflexive analysis of the theme using the bibliographic analysis methodology. This will serve to broaden the understanding of the subject since it raises questions of academic and social interest. It is concluded that theology has a relationship with education, because it has a formed conception of the human being, a philosophy of life, a vision of the world, and longs for the transformation of that being and, therefore, this is a profitable relation for society.

Palavras-chave

Função Social.
Ética.
Educação.
Ciência.
Cristianismo.

Keywords

Social role.
Ethics.
Education.
Science.
Christianity.

Introdução

O presente artigo versa sobre a contribuição da teologia para a história da educação e da ciência. A palavra *teologia* é formada por dois radicais: *Theo* = Deus; *logia* = estudo, ou seja, o estudo de Deus. Etimologicamente o termo indica uma “ciência de Deus” (FISICHELLA, 1994, p. 23-24).

O estudo da teologia não se restringe aos intelectuais e acadêmicos. Não é um meio de se destacar entre os sábios e entendidos em matéria de religião (MATOS, 2008, p. 38), tampouco um estudo direcionado ao conhecimento da totalidade da revelação de Deus ao Homem, pois, certamente, isso não irá acontecer, visto que nossa limitação não pode compreender a revelação de Deus de forma completa, sendo ele “eterno e infinito” (ALMEIDA, 1999. I Coríntios, 13: 9-12).

Contudo, estudar teologia não é uma área exclusiva da academia teológica; não pertence somente à esfera de intelectuais fastidiosos que se preocupam em descobrir e firmar termos técnicos incompreensíveis aos demais mortais; não é monopólio daqueles que escrevem livros meramente para adquirir a respeitabilidade e admiração de seus colegas docentes, nem pertence somente aos mosteiros anacrônicos, que procuram aproximar-se de Deus distanciando-se do mundo que Ele criou, mas é tarefa de todas as pessoas que por ela se interessam (PORTELA, 2009 p. 12).

Ao estudar a teologia, os estudantes não encontram uma teologia já acabada, mas sim em constante construção. Encontraram, dessa forma, fatos com os quais poderão organizá-la sistematicamente. Sendo assim, “a teologia é importante, uma vez que pode servir tanto para conformar o homem com modelos prontos, como também pode e deve servir para educá-lo e transformá-lo” (PORTELA, 2009, p. 15).

Sabidamente o apóstolo Paulo diz: “não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente” (Romanos 12:2). É como se Paulo estivesse dizendo: façam teologia transformadora, cuja transformação começa na “vossa mente”. Portanto, teologia e transformação começam no mesmo lugar (PORTELA, 2009 p.17). “A teologia como qualquer outra ciência,

deve ter como único objetivo o alcance da verdade. Como ser humano, os pesquisadores/cientistas/teólogos tem sua própria agenda, suas próprias ideologias, seus próprios eixos” (HODGE, 2001, p. 11).

Pretende-se mostrar através deste trabalho que são necessárias inovações e a criação de novas reflexões que envolvam o acadêmico no processo contínuo de construção do conhecimento.

Do ponto de vista teórico, este estudo é embasado nas obras de vários autores que tratam sobre o tema em foco. Do ponto de vista científico, o presente trabalho visa ao conhecimento acadêmico e teológico com o objetivo de propor uma análise reflexiva a partir de uma revisão bibliográfica. A base dessa revisão é a análise de livros, artigos de revistas acadêmicas e outras fontes que serão indicadas ao longo do texto.

A função social da Teologia

A teologia não é uma ciência restrita ao domínio do pensamento religioso e ou do sagrado. De acordo com Wrublevski (2006), ela também abrange o campo de seu significado para a evolução cultural, a vida intelectual e interpessoal, destacando várias dimensões: a história, a natureza, a inviolabilidade da vida, o respeito, a ética, os direitos humanos, a doutrina de Deus e o estudo do sagrado. Em seus estudos, percebe-se que “na história do Brasil, como em todos os países latinos, a teologia foi considerada, por muito tempo, apenas um saber privativo dos cristãos” (2006, p. 37).

O autor ainda revela que este questionamento tem a ver com um sentido de ser e realizar-se do homem, entendido como autêntica possibilidade de humanização e divinização do homem:

A partir de uma análise sobre como a teologia se apresenta para a consciência usual, e sobre como a questão está enraizada no processo histórico, talvez possamos vislumbrar alternativas que se mostram imperativas para a consciência contemporânea. Nestas questões se concentra a presente reflexão. Na consciência ocidental moderna são múltiplos e complexos os bloqueios e dificuldades para uma redescoberta originária da teologia. Na história moderna dos últimos quinhentos anos, encontramos dois tipos de problemáticas que dificultam, antes

de tudo, a possibilidade de uma genuína universalidade da teologia: a atitude totalitária da ciência moderna e da teologia (WRUBLEVSK, 2006, p. 37-38).

Sob essa perspectiva, destaca-se a importância de uma teologia que, na verdade, sempre fez parte da sociedade, seja ela medieval ou moderna, a qual nada mais é do que uma forma de atar o contato do homem com Deus, com o divino, com o espiritual - este último que sempre foi importante e vital para o crescimento das sociedades (WRUBLEVSK, 2006, p. 75).

De acordo com Freitas:

A teologia carrega em sua raiz e essência uma concepção clássica de conhecimento que estabelece a finalidade do conhecimento em si mesmo; busca-se o conhecimento porque conhecer é bom, portanto enobrece o espírito humano, que se torna mais sábio (2006, p. 180).

Embora forme profissionais até o momento, com uma atuação mais restrita às igrejas, a teologia possui, antes de tudo, a concepção de conhecimento que não vincula currículo à atuação no mercado, tanto quanto a filosofia; ao contrário, a atuação profissional será sempre uma decorrência de sua consistência e relevância para uma compreensão profunda da realidade, para a vivência social da fé e para a compreensão crítica dos próprios elementos da mesma fé (FREITAS, 2006, p. 18).

Assim sendo, não há nenhuma exceção no exercício social da teologia que impeça a regulamentação e organização de seus profissionais como nos demais cursos. Como símbolo de espiritualidade, passa a ser compreendida não somente dentro dos âmbitos da fé institucionalizada, mas transcendendo os limites religiosos (FREITAS, 2006, p. 75-76).

“A fé é um verbo, é uma forma ativa de ser e comprometer-se, um meio de adentrarmos e modelarmos as nossas experiências de vida. Ela é sempre relacional, sempre há outro na fé” (FOWLER, 1992, p. 25).

Logo se percebe que a teologia faz com que o espiritual desabroche no ser humano, estando presente em diversas etapas da vida humana, em diversos estágios dos desenvolvimentos humano e social. Contudo, por diferentes etapas da teologia na história, tem-se evitado a sua responsabilidade social, referindo-

se ao trabalho social diretamente para a Igreja e os leigos que exercem sua fé por meio dele.

Portanto é possível afirmar que a teologia promove o exercício de um importante papel para a sociedade, porque a que se visualiza hoje, infelizmente, é a imagem de um evangelho capitalizado, que torna a sociedade mais suficiente, autoritária e menos fraternal. Então, a teologia tem sua função social definida no sentido de dar respostas e propor diálogos e soluções para as diferenças sociais gritantes que vivemos hoje (FOWLER, 1992, p. 19).

A Teologia na história da educação

A educação configura-se como um direito do ser humano, e dela dependem o desenvolvimento das capacidades e potencialidades do mesmo. Como um princípio conceitual, genérico e abstrato, a educação, ao longo de sua história, vem ajudando a organizar o real existente em novas bases e administrá-lo por meio de uma ação política consequente.

A capacidade de mobilização de uma ideia política reside justamente nos seus conteúdos abstratos. Aliás, a abstração é fonte fundamental de sua força, porque permite que os conteúdos de determinados princípios gerais possam ganhar redefinições inesperadas, e, portanto, a questão dos direitos será sempre uma construção imperfeita e inacabada (REGO, 2006, p. 184).

Os aspectos envolvidos no processo educacional buscam a construção da cidadania, viabilizando, assim, uma integração social cada vez mais ampla do indivíduo. A sociedade que privilegia a educação está alicerçada numa base muito mais sólida, consubstanciada num modelo centrado no respeito aos direitos fundamentais (REGO, 2006, p.05).

A Constituição Federal de 1988, reconhecendo a importância da garantia do direito à educação, consagrou-o no artigo 6º como um direito fundamental social:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 1988, p. 19).

A história da educação, por sua vez, está intimamente ligada à própria história das instituições religiosas. A casta sacerdotal que, nas sociedades arcaicas, detinha o poder político ou pelo menos dele participava ativamente, deve ter compreendido, de maneira bastante clara, a importância de chamar a si o controle do sistema educacional, por mais informal e limitado que ele fosse (TOSCANO, 2001, p. 85).

No início da civilização a escrita, o conhecimento e o saber eram privilégios de poucos - uma elite minoritária da grande sociedade da época, a alta classe social, econômica e política. Devido também às grandes dificuldades de acesso à informação, o saber e a educação eram totalmente inviáveis ao público em massa, ou seja, os menos favorecidos.

Nesse contexto, aparecem as famílias nobres com alto padrão cultural que esbanjavam estilo e elegância, tais como eram peculiares aos seus ambientes, sendo esses, muitas vezes, os pensadores, escritores, professores e mestres do saber, que, por sua vez, valorizavam os estudos como se estivessem buscando ouro no garimpo, dando tamanha importância ao conhecimento que, uma vez adquirido, jamais poderia ser tirado ou roubado.

Com o passar do tempo e o surgimento de colégios e universidades para nobreza, alguns assuntos e debates passaram a ser notícia de primeira mão no meio acadêmico. Neste cenário, surge o interesse em conhecer essa ciência chamada “teologia” que agora ganhava espaço nos círculos acadêmicos. Dessa forma, a teologia e suas disciplinas - como era considerada por definição - começam a fazer parte da grade curricular de algumas instituições da época. Ela torna-se intrigante, mas admirada, em contrapartida; também passa a ser questionada pela sociedade da época (PETRY, 2009, p. 10-12).

As práticas educativas e a transmissão de saberes se mantêm na dinâmica desde as comunidades primitivas até as sociedades modernas. Aranha (2006, p. 35) explicita como já “nas comunidades tribais as crianças aprendiam imitando

os gestos dos adultos e nas atividades diárias e nos *rituais*”. No entanto, essa relação fica ainda mais clara a partir do momento em que as sociedades se tornam mais complexas. Um bom exemplo é o Egito antigo, no qual a transmissão do saber era restrita a alguns poucos privilegiados, dentre eles, os sacerdotes. Da mesma forma na Mesopotâmia, onde a classe sacerdotal também era encarregada da educação; também entre os hebreus, propagadores do monoteísmo ético e moral, que requeria dos seus seguidores a absorção de determinados valores e crença.

O cristianismo, por sua vez, surgido do povo hebreu, mantém um relacionamento intenso com as práticas educativas no decorrer da história até a atualidade, e “os cristãos legaram ao mundo um vastíssimo patrimônio cultural e uma extraordinária riqueza filosófica e pedagógica” (BORGES, 2002, p. 40).

Atualmente, pode-se perceber na sociedade brasileira, por exemplo, organizações religiosas educacionais ligadas à Igreja Católica, como a PUC - Pontifícia Universidade Católica e a outras igrejas cristãs da atualidade, como no âmbito evangélico a Universidade Presbiteriana Mackenzie e os Colégios Presbiterianos. Desse modo, o conhecimento teológico encontra-se em todas as modalidades da educação, a informal - através dos valores vivenciados nas igrejas; a não formal - através das ONGs ligadas às instituições religiosas; e a formal - através das escolas confessionais cristãs (BORGES, 2002, p.41).

Ao longo de sua trajetória educacional, crianças e adolescentes devem receber a formação comum indispensável para o exercício da cidadania. A teologia, por sua vez, busca entender a totalidade da pessoa humana, evidenciando o reconhecimento do outro. Teologia e educação não se contradizem, mas se complementam, já que são leituras diferenciadas de uma mesma realidade: o ser humano, onde a teologia não está no lugar das ciências humanas, mas dialoga com elas (PETRY, 2009, p. 13).

Contribuição da Teologia para a Ciência

A discussão entre ciência e teologia certamente constitui um tema de debate, uma vez que, desde a evolução do pensamento científico, a religião institucionalizada (e, com ela, a teologia) foi deixada de lado. A palavra “ciência” vem do latim “scientia” (conhecimento), derivado de “sciens” (o que sabe), traduzindo o grego que significa “arte”, “habilidade”, “conhecimento”, “ciência”, “saber” etc. (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 22).

O mundo mudou com o fim da Idade Média, e a teologia sofreu muito com as mudanças que aconteceram. Iniciou-se uma disputa por espaço entre as várias formas de saber. Assim, o pensamento sobre a teologia se tornou ambíguo, e tal ambiguidade entre crença e descrença que acompanha a teologia, é caracterizada como consequência da evolução do pensamento científico, da emergência do cientificismo positivista como parâmetro funcional da sociedade que se constituiu após a Idade Média (ALVES, 2003, p. 17).

A decadência da teologia é concomitante à decadência do respaldo da religião institucionalizada nos meios acadêmicos e científicos e com a ascensão de uma nova sociedade com vertentes pragmática e capitalista. A partir dessa constatação, a hipótese de Petri (2009, p. 18) é de que a substituição da religião [institucionalizada] pela ciência tenha sido algo semelhante à troca de uma mágica fraca por uma mágica forte, de uma destituída de *status* e progressivamente marginalizada, por uma que dá *status* e que ocupa o lugar central na sociedade.

A “mágica fraca”, outrora foi forte, pois o mundo se via na Igreja e ela determinava o mundo através de sua cosmovisão (a cosmovisão cristã). Ainda assim, não se pode subestimar a força de qualquer magia. Acontece que a ciência se tornou imprescindível para a sociedade que surgia, servindo aos interesses econômicos e rompendo com a cosmovisão vigente (PETRY, 2009, p. 19).

Dessa forma, ao valorizar o visível e o evidente, a ciência trouxe contribuições imensuráveis para o desenvolvimento humano: a qualidade de vida melhorou, a comunicação e o intercâmbio cultural tornaram-se mais

intensos e acelerados. A ciência desembocou na tecnologia e com esta veio o conforto e a agilidade: carros, aviões, telefone, celular, geladeira, água encanada, energia elétrica etc. A expectativa de vida cresceu, os cuidados com a saúde aumentaram e com o avanço da ciência atualmente, existem inúmeras técnicas para se prolongar a vida: medicamentos, cirurgias, tratamentos clínicos e outras inovações. É impossível imaginar o tempo dedicado por engenheiros, matemáticos, químicos e médicos e a quantidade de especialistas envolvidos em tudo isso (ALVES, 2003, p. 36).

É possível afirmar que, de acordo com Cassirer (1997, p. 215), “o processo científico conduz a um equilíbrio estável, à estabilização e à consolidação do mundo das nossas percepções e pensamentos”. Tudo o que o ser humano usufrui é consequência de um esforço intelectual que levanta hipóteses, investiga-as, experimenta, analisa, verifica e chega a resultados. De fato, o conhecimento humano transforma a realidade. Com tamanhas transformações, o autor observa que o respaldo da ciência assumiu a centralidade na vida das pessoas. Isso não significa que a reflexão teológica tenha desaparecido, mas sim que houve uma mudança significativa na maneira como as sociedades modernas lidam com as coisas de Deus.

O cientista, ainda segundo o autor, caracteriza-se pela posse do espírito semelhante ao filósofo, que está sempre a caminho, procurando respostas para problemas passados e presentes e, concomitantemente, busca novos problemas, que amiúde estão abrigados nas soluções encontradas. De início, isso trouxe complicações para a teologia nesse novo mundo. A problemática foi, portanto, justamente equiparar a ciência à teologia.

Porém, essa equiparação é compreensível, pois era a teologia que determinava o conhecimento da realidade e era a teologia que determinava a ciência, basta recordar o embate de Galileu Galilei com a Igreja Medieval. É, nesse sentido, que a ciência toma o lugar da teologia. Então, já que o ser humano vive num mundo cientificista, pragmático e capitalista, a teologia teve que se adaptar, transformar-se e (ou) redescobrir-se, o que não significa que perdeu o impacto na vida das pessoas, mas sim que ocorreram mudanças de

autoridade e alterações de poder na estrutura do pensamento e da cosmovisão vigentes (REBLIN, 2008 , p.07-08).

Por isso, a ciência soa mais singular que a teologia ou a religião institucionalizada, pois nela existe um método rigoroso de aplicação do conhecimento que, necessariamente, não é tão contraditório. De acordo com Leandro (2003), ao passo que a ciência se tornou funcional, legitimadora da realidade, a religião institucionalizada pode se tornar disfuncional, crítica da realidade. Por um lado, a teologia torna-se disfuncional perante a sociedade quando ela exerce uma crítica à realidade tal como está, torna-se inviável para a sociedade quando ela questiona as estruturas de poder, quando enxerga a exploração e denuncia as inverdades. Em contrapartida, o autor nos explica que a teologia se torna funcional quando entra no jogo da sociedade e compactua com a lógica de mercado, enquadrando-se no ritmo juntamente com todas as demais ciências, a serviço do progresso permanecendo calada mediante as injustiças do seu tempo.

A visão que a ciência tem da teologia é variável, pois, de um lado, é possível encontrar ideias radicais de aniquilação e inutilização da teologia e, de outro lado, encontrar cientistas que mantêm seu respeito pela teologia e suas descobertas e que também conseguem enxergar a religião institucionalizada como uma estrutura importante para a sociedade (MANSUR, 2006, p. 19).

De qualquer forma, há, dentre os cientistas, aqueles que entendem a necessidade de um diálogo entre a ciência e a teologia. O mais intrigante em todo o debate atual entre teologia e ciência é que se trata de uma controvérsia completamente desinformada do ponto de vista histórico e fora de foco em termos de teoria do conhecimento.

Ambas buscam transcender a dimensão humana através de um ideal abstrato de perfeição. Na ciência, o objetivo é obter o conjunto final de leis que descrevem todos os fenômenos naturais (uma missão claramente impossível), enquanto, na teologia, procuramos nos aproximar da perfeição moral de Deus (outra missão claramente impossível). No mundo atual, é essencial o diálogo entre teologia e ciência, sabendo que a teologia deve

respeitar a autonomia da ciência e esta, a da teologia, se ambas buscarem o diálogo através do respeito, sabendo diferenciar o papel de cada uma delas na sociedade, atuando dessa forma elas poderão cooperar entre si em benefício da sociedade (ZILLES, 2008, p. 35).

Para estabelecer o diálogo entre teologia e ciências é preciso que, antes de tudo, evidencie que a teologia é uma ciência de fé. Essa compreensão não coloca a teologia como uma ciência natural, cujo método é fundamentado na hipótese, observação e verificação comprobatória. Nem mesmo a coloca como uma ciência dedutiva que se fundamenta nas teses da matemática e da lógica formal. Seu método tem como ponto de partida princípios, considerados como postulados, axiomas funcionais, dos quais procedem as deduções ou ainda a caracterização de seus objetos abstratos por intermédio da descrição de suas propriedades (GONÇALVES, 2008, p. 33).

Com a epistemologia da segunda metade do século XX, as fronteiras e diferenças se diluem um pouco. Braaten (2002, p.11) afirma que a teologia pode ser ciência, mas não se enquadra em alguns aspectos da definição de ciência, porque é definida pela própria ciência. Por um lado, a fé é o que impulsiona à busca do conhecimento teológico, mas não é a fonte do conhecimento teológico. Por outro lado, a teologia requer “uma dimensão de discernimento e interesse em seu campo específico de investigação como condição para descobrir novas verdades”, algo comum a toda a ciência.

A maior dificuldade para defender o caráter científico da teologia provém da reivindicação comum de que a verdadeira ciência está limitada ao conhecimento de objetos empíricos do mundo. Essa busca por compreensão, segundo o autor, trilha caminhos de investigação, de análise e de procura por respostas. Nesse sentido, a teologia pode, assim, ser chamada de “ciência” no sentido de que faz afirmações a respeito de Deus concebido como o poder unificador, o sentido universal e o destino pleno de todas as coisas. Sem essa referência a Deus, não pode haver visão do todo.

Rampazzo (2004, p. 145) afirma que existem alguns aspectos religiosos que podem ser provados cientificamente, como por exemplo, a existência histórica de Jesus e sua crucificação. No entanto, aceitá-lo como salvador da

humanidade e que sua morte foi vicária é uma questão de fé. O dado de fé é uma revelação que não pode ser descoberta pela ciência, pela filosofia, ou pelo conhecimento popular, mas só tem valor para quem vivencia tal experiência.

Já Hammes (2006, p. 33) sempre discutiu sobre a possibilidade da teologia se configurar como ciência. Para tanto, levando em consideração o debate do que consiste a ciência, afirma que a questão da cientificidade da teologia depende, em primeiro lugar, de um conceito aberto de ciência, capaz de abranger áreas de pesquisa e metodologias diferentes das meramente positivas, o que não é uma discussão exclusiva da teologia, mas também, quanto ao Direito e algumas ciências sociais, dentre outras. A teologia seria, então, *a logos da fé* e não a própria fé, aqui definida não como irracionalidade, mas como fidelidade ou confiança em alguém.

Assim, a teologia, por seu método e conteúdo, está entre as ciências humanas, e pode ser entendida como uma ciência hermenêutica, na medida em que seu objeto são textos e tradições aceitos por comunidades humanas como normativos de sua existência.

Cabe-lhe a tarefa educativa de relacionar esses textos com a realidade e, com os recursos das outras ciências, mediar o diálogo entre as demais visões de mundo, garantir a paz religiosa, relativizar os absolutismos políticos, econômicos e sociais, e prevenir os fundamentalismos e a intolerância. É o que se poderia designar, de acordo com Hammes (2006) de papel universalizador da teologia.

Destarte, o autor defende o caráter científico da teologia, e não a vê como simples conhecimento religioso. O Conselho Nacional de Educação (CNE) parece também pugnar pelo caráter científico da teologia ao direcionar a composição da matriz curricular dos cursos de teologia, o que até então ficava a critério de cada instituição. O Parecer nº 118/2009, assegura a necessidade de diálogo quanto às demais áreas científicas. É importante, portanto, que os cursos de graduação em teologia e bacharelado no País garantam o acesso à diversidade e à complexidade das teologias nas diferentes culturas e permitam analisá-las à luz dos diferentes momentos históricos e contextos em que se desenvolvem. Devem, ainda, garantir uma ampla formação científica e

metodológica, por meio da flexibilidade curricular na área do conhecimento e interação com as áreas afins.

Por essa razão, o estudo das teologias, dentro da área de Ciências Humanas, conforme classificação CAPES/CNPq, não pode prescindir de conhecimentos das Ciências Humanas e Sociais, da Filosofia, da História, da Antropologia, da Sociologia, da Psicologia e da Biologia, entre outras. O estudo da teologia deve, ainda, buscar diálogo com outras áreas científicas, possibilitando estudos interdisciplinares (BRASIL, 2009, p. 22).

A resolução do CNE objetiva maior criteriosidade científica da teologia, ao requerer dos novos cursos a investigação não somente de uma linha de pensamento, combatendo assim o teor proselitista dado a determinados cursos. Assegura ainda que, sendo o Estado laico, não pode reconhecer cursos com tal teor e não pode também negar o direito do caráter confessional das universidades particulares.

Em contrapartida, mesmo com as diretrizes estabelecidas pelo MEC, ainda existem muitos cursos de teologia no Brasil de forma irregular, tendenciosos, puramente confeccionais, totalmente fechados ao diálogo inter-religioso, trabalhando apenas para sua intuição de forma isolada, sem nenhuma preocupação com a sociedade e deixando de contribuir de forma teológica tanto para ciência como para educação.

Considerações finais

A teologia marca fortemente a história da educação e possui uma vitalidade bem perceptível na atualidade. A presente pesquisa permitiu perceber que o conhecimento teológico consiste também em um processo educativo, porquanto possui uma concepção do ser humano, uma filosofia de vida, uma visão de mundo, e anseia pela transformação desse ser humano segundo os seus princípios, uma vez que a concepção de educação modifica-se de acordo com o tipo de homem ou mulher que se queira formar.

O presente trabalho permitiu compreender a relevância da teologia para a história da educação e para a ciência, todas inseridas numa complexidade própria, principalmente por estarem articuladas com a realidade cultural e histórica de sociedades específicas.

No entanto, percebe-se hoje que tanto a ciência quanto a religião estão marcadas por paradigmas. Faz-se necessário reconhecer que nem ciência nem teologia podem ser vistas como tendo sentido em si mesmas, mas que ambas precisam ser vistas como servas da humanidade e tornar a vida humana mais viável e mais cheia de sentido. Faz-se necessário também reconhecer que quando a teologia aceita a ciência, ela mesma se enriquece e se purifica, ao ponto que a ciência, quando aceita a teologia, torna-se mais humana e mais ética.

Uma espiritualidade que contemple a Deus a partir do conhecimento científico deve sentir o compromisso de mostrar que há uma nova chance de envolver a todos num projeto de sociedade igualitária. Após o desenvolvimento deste trabalho, é possível afirmar que a teologia cumpre determinadas funções da ciência, usando o termo ciência de maneira original visando a esse fim.

Por fim, fica evidente que a ciência, dialogando com a teologia, compreenderá que esta é a grande oportunidade de realizar o desejo de Deus: ajudar o ser humano a viver melhor. Em síntese, conclui-se que o mais importante é o diálogo que contempla a contribuição da teologia para a história da educação e para a ciência, seja orientado para o bem da sociedade, promovendo o bem-estar social, partindo da concepção que entende como prejudicial para a sociedade uma ciência que rejeita tal contribuição.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, João Ferreira de. *A Bíblia Sagrada*. Revista e atualizada no Brasil. 2. Ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

ALVES, Eduardo Leandro. *Que Evangelho é esse?* São Paulo: ABBA, 2003.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil. São Paulo: Moderna, 2006.

BORGES, Inês Augusto. Educação e Personalidade: a dimensão sócia histórica da educação cristã. São Paulo: Mackenzie, 2002.

BRAATEN, Carl; JENSON, Robert W. (Ed.). Dogmática Cristã. 2. Ed. v. 1. São Leopoldo: IEPG; Sinodal, 2002.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parecer nº118/2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5272-pces051-10&category_slug=maio-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso 12 Out. 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1988.

CASSIRER, Ernst. Antropologia Filosófica. 2. Ed. São Paulo: Mestre Gol, 1977.

FISICHELLA, Robert. Dicionário de Teologia Fundamental. Petrópolis: Vozes, 1994.

FOWLER, James. Estágios da Fé. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FREITAS, Maria Carmelita de. (org.). Teologia e sociedade: relevância e funções. São Paulo: Paulinas, 2006.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. A Consciência Histórico-hermenêutica na Teologia Contemporânea. São Leopoldo: Usininos, 2008.

HAMMES, Érico João. Pode Teologia ser Ciência. Porto Alegre. 36, Set. 2006. 541-554. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1747/1280>. Acesso 10 Out. 2018.

HODGE, Archibald. Esboços de Teologia. São Paulo: Pesi, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MATOS, Alderi. Fundamentos da Teologia Histórica. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

MANSUR, Alexandre; VICÁRIA, Luciana. A igreja dos novos ateus. Época. São Paulo, n. 443, 13 nov. 2006.

PETRY, André. Lembra-te de Darwin. Veja São Paulo, 4 fev. 2009.

PORTELA, Solano. Pluralismo e Tolerância. 2009. Disponível em <http://tempora-mores.blogspot.com.br/2009/12/pluralismo-e-intolerancia.html>. Acesso 10 out. 2018.

RAMPAZZO, Lino. Antropologia, religiões e valores cristãos. 3. Ed. São Paulo: Loyola, 2004.

REBLIN, Iuri Andréas. Para o alto e avante. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

REGO, Walquíria Domingues Leão. Intelectuais, Estado e ordem democrática. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

TOGNOLLI, Claudio Júlio. O evangelho dos novos ateus. Galileu. São Paulo, n. 186, jan. 2007.

TOSCANO, Moema. Introdução a Sociologia Educacional. Petrópolis: Vozes, 2001.

WRUBLEVSKI, Sérgio Mário. Uma nova universalidade da Teologia? Vol. 2. Nova Iguaçu: Repensar, 2006.

ZILLES, Urbano. Teocomunicação. Porto Alegre: ARTMED, 2008.

Trabalho submetido em 23/12/2018.

Aceito em 19/03/2019.

Jeverson Nascimento

Possui Licenciatura em Filosofia - Faculdades Entre Rios de Piauí (2016) e graduação em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (2014). Mestre em Teologia - Faculdades Batista do Paraná (2017). Atualmente é pesquisador do Centro de Teologia de Santa Catarina. E-mail: prjeverson@gmail.com